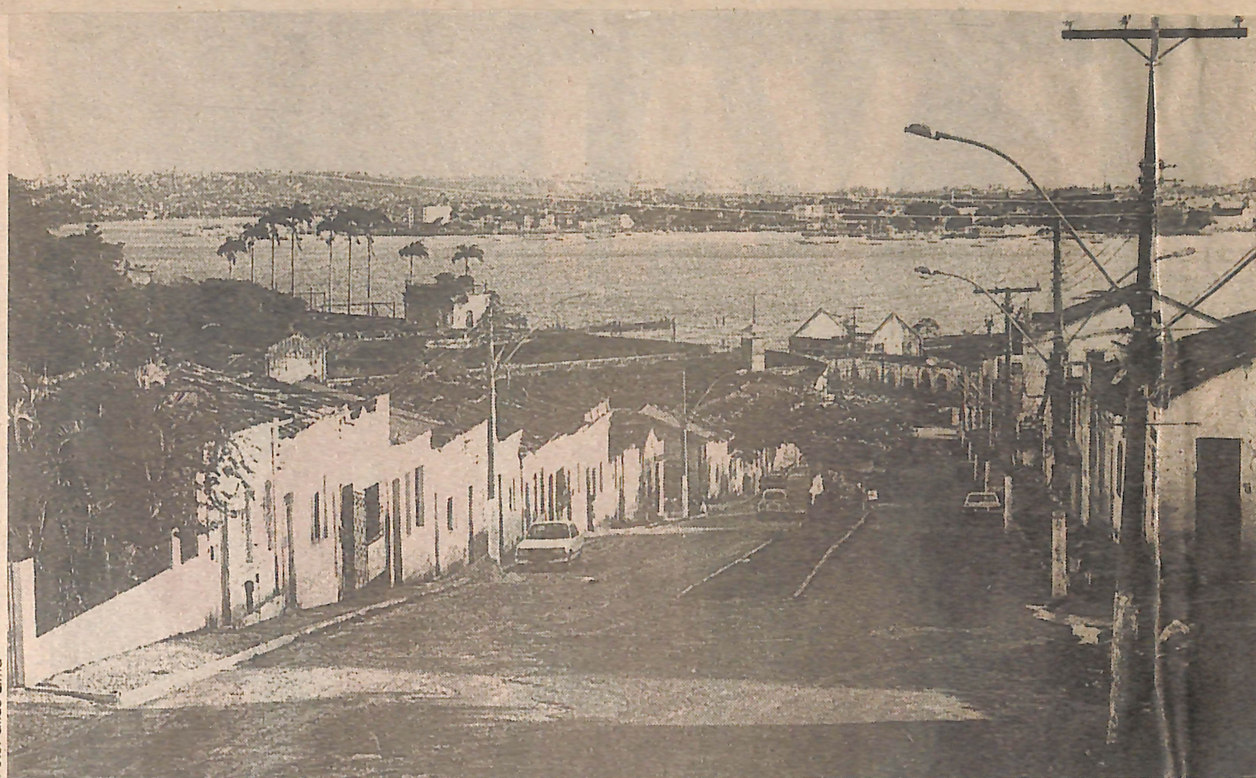


PLATAFORMA

PMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	24/09/85	
Caderno	Ji	Página 8
Seção		
Assunto	Bairro	



Local tranquilo e pacato, Plataforma sofre com falta de policiamento e isolamento de Salvador

Desativação das lanchas isolou mais Plataforma

Plataforma ficou um bairro mais isolado desde que a CNB desativou a linha de barcos que encurtava a travessia para a Ribeira em pelo menos 40 minutos. E com a decadência do transporte ferroviário, resta aos moradores a opção dos ônibus, quase sempre lotados nos seus percursos intermináveis. Mas, a deficiência de transporte não é o único problema desse bairro centenário, de origem operária, crescido em torno da já quase inteiramente desativada fábrica de tecidos Fátima, fundada em 1875. "Plataforma sofre das mesmas carências da maioria dos bairros de Salvador: falta educação, saúde e saneamento", diagnostica a socióloga Antonia Garcia, diretora da Ampla, a associação dos moradores do lugar.

Com cerca de 58 mil habitantes, segundo o IBGE, Plataforma possui seis escolas, sendo que nenhuma de 2º grau. Os estudantes secundaristas que moram no bairro estudam em escolas que ficam a pelo menos 45 minutos de casa. Esse é o tempo que o ônibus leva para chegar na Ribeira, bairro com que a população de Plataforma mais se identifica e onde boa parcela não só estuda como também ali trabalha "A retirada

dos três barcos que faziam o percurso foi um golpe sentido por quem precisa se deslocar diariamente para a Ribeira", diz a moradora Cristina Santos, 31 anos, nascida em Plataforma e que trabalhou no serviço de travessia até a sua desativação, em janeiro deste ano. Separada da Ribeira pela Enseada dos Tainheiros, o percurso era feito de barco em apenas cinco minutos.

INTERIOR

Os estudantes Roque Maurício Cardoso, 20 anos, Bianca de Paula Lopes, 16, e Irlene Aguiar, 19, que estudam na Ribeira, consideram que a questão do transporte é o problema mais grave de Plataforma. "Agora eu tenho que acordar muito cedo para chegar na escola", diz Irlene, sem compreender exatamente por que a CNB desativou a travessia. Certamente a violência nas proximidades do cais onde os barcos atracavam influenciou na decisão da companhia de navegação. O serviço já estava deteriorado quando explodiu o número de assaltos no desembarque em Plataforma. Isso provocou a redução no fluxo de passageiros, apesar da rapi-

dez e da economia que a travessia representava. Quando foi desativada, custava R\$0,25.

"Eu mesma fui assaltada três vezes, inclusive às 13 horas, lembra Cristina Santos, reconhecendo que a reativação dos barcos só daria certo se implantassem o policiamento no local. Com a desativação da travessia, os comerciantes da parte baixa do bairro, que já sofriam com a decadência da fábrica de tecidos, assistiram à queda abrupta das vendas. "Antes eu vendia oito garrafas de cachaça das 18 às 20 horas. Agora vendo duas o dia todo", reclama o barraqueiro Bartolomeu Pires da Silva, 58 anos, 33 dos quais no bairro, lembrando que, na época em que havia trem de passageiros para o interior, Plataforma era um ponto onde o comércio prosperava. Com aquele ponto do bairro praticamente morto, a comerciante Joselita Bonfim Luz, 51 anos, há três em Plataforma, passou a ver seu armazém como um local muito vulnerável à ação dos marginais. "Já fomos assaltados cinco vezes", diz, escondida por trás de uma grade, através da qual hoje atende os fregueses. "Isso aqui precisa de um módulo policial", reclama.

Briga pela terra

Quem mora em Plataforma não está livre de um problema que é comum a quem reside em bairros novos, principalmente os nascidos sobre invasões. Mesmo sendo centenário, Plataforma ainda abriga uma pendenga jurídica entre seus milhares de moradores e os antigos proprietários da região. Segundo a socióloga Antônia Garcia, o bairro nasceu sobre uma fazenda que pertencia à família Almeida Brandão, proprietária da fábrica de tecidos, posteriormente vendida à família Catharino. "Até hoje há um conflito entre a família e os moradores, porque os antigos proprietários se acham no direito de cobrar taxas pela moradia", diz ela.

Antônia Garcia informa que, recentemente, a família instalou um escritório no próprio bairro, anunciando que estaria vendendo as casas para os atuais moradores. Uma comissão formada por representantes de órgãos da prefeitura, OAB, CREA, Universidade Católica e outras entidades está analisando a questão.